

# Maria Quitéria de Jesus

*Manoel Soriano Neto \**

O artigo apresenta dados biográficos da heroína da Independência do Brasil, as distinções concedidas pelo Exército à mulher-soldado do Brasil e justifica sua ascensão a patrono do Quadro Complementar de Oficiais.

## RECORRÊNCIA HISTÓRICA

### A “soldado Medeiros”

**I**logo após a proclamação de nossa Independência, a Junta Conciliadora de Defesa, de Cachoeira, na Bahia, clamou os baianos do Recôncavo a se alistarem para assegurar a liberdade do Brasil.

Como nos ensina a escritora inglesa Mary Graham, *Maria Quitéria sentiu o coração arder no peito* e solicitou o consentimento do pai, Gonçalo Alves de Almeida, para ingressar nas fileiras das forças patrióticas que, celeremente, se formavam em solo baiano.

O velho pai da destemida moça negou a autorização pedida; porém, Maria Quitéria não desistiu de seu

intento e, com a cumplicidade de uma irmã e do cunhado José Cordeiro de Medeiros, abandonou o lar vestida com as roupas de José Medeiros, assentando praça num regimento de artilharia, passando depois para a infantaria, ocasião em que se integrou ao “Batalhão de Voluntários do Príncipe D. Pedro” ou “Batalhão de Periquitos”, assim cognominado por causa do verde bem acentuado das golas e dos punhos da farda dos seus componentes. Quando se apresentou para a guerra, ela deu o nome de “Medeiros”, em reconhecido agradecimento aos favores que sua irmã e o cunhado Medeiros lhe prestaram.

Destarte, iria surgir a lenda de Maria Quitéria de

Jesus, que escondeu a sua condição feminina, fato descoberto antes de a guerra terminar, passando à História o exemplo de bravura e extremado patriotismo do “soldado Medeiros”...

### Honras e glórias de Maria Quitéria

Em incompleta e perfunctória síntese, alistaremos alguns dos gloriosos feitos de Maria Quitéria e as distinções por ela recebidas e que, não apenas por isso, a indicaram, merecidamente, para Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército:

• o engajamento como voluntária nas forças libertadoras, escondendo a sua condição de mulher, após abandonar a casa paterna e tudo o que lhe era mais significativo;

\* Coronel de Infantaria e Estado-Maior.

- o privilégio de ter sido a primeira mulher que assentou praça numa unidade militar em nosso País;

- o valor, a bravura e a intrepidez por ela demonstrados em sangrentos combates, como em Conceição, Pituba, Itapuã e na Foz do Paraguaçu, constatados em vários e enaltecidos elogios que lhe foram formulados;

- o recebimento das honras de 1º Cadete, que lhe foram outorgadas pelo General Pedro Labatut, comandante do Exército Imperial Nacional e Pacificador, como preito de reconhecimento àquela que se tornou a maior heroína do Brasil;

- a incumbência que lhe foi confiada, de ser um dos emissários que levariam a notícia da vitória baiana a D. Pedro, no Rio de Janeiro, quando ela foi condecorada pelo próprio Príncipe Regente;

- a concessão por D. Pedro, em 1823, do soldo de Alferes de Linha e da comenda de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”, à humilde baiana, que, como consta do Decreto Imperial, *“se alistara nas fileiras do Exército, para debelar os inimigos da Pátria e se distinguiu em ocasiões das mais arriscadas de combate,*

*em que sempre se portara heroicamente”;*

- a oferta, ao final da campanha, pela Junta Conciliadora de Defesa, de Cachoeira, de uma bela espada, com todos os seus acessórios, *“à moça-cadete do Batalhão dos Periquitos”;*

- a consagração pela historiografia nacional, que lhe conferiu honrosos epítetos como “Heroína da Independência do Brasil”, “Cadete da Independência”, “a Joana D’Arc Brasileira” e “a Mulher - Soldado do Brasil”;

- a reverência da Força Terrestre, determinando, por meio do Aviso Ministerial nº 408, de 11 de maio de 1953, a inauguração, em todos os quartéis, do retrato de nossa “mulher-soldado”, no dia 21 de agosto de 1953, o do centenário de falecimento de Maria Quitéria, homenagem que, por uma singularíssima e feliz coincidência histórica, seria prestada na “Semana do Soldado”, no mesmo ano do sesquicentenário de nascimento de outro herói da Independência na Bahia e Patrono do Exército Brasileiro – o Duque de Caxias;

- o reconhecimento e a gratidão do Exército à intemorata sertaneja baiana, instituindo pela Portaria

Ministerial n.º 342, de 21 de agosto de 1953, a “Medalha de Maria Quitéria” e o respectivo diploma, a serem concedidos *a civis ou militares que tenham, em qualquer parte do território nacional, contribuído ativamente para o brilhantismo e a repercussão das homenagens cívicas, prestadas à gloriosa Cadete da Independência”;*

- ainda o reconhecimento do Exército que, na edição de sua história, em 1972, justamente no ano do sesquicentenário da Independência, exalça, exponencialmente, a brava participação da intrépida guerreira nas lutas travadas na Bahia por nossa emancipação política;

- a denominação histórica de “Maria Quitéria” dada à primeira Turma do Quadro Complementar de Oficiais, que recebeu o segmento feminino pioneiro na Corporação, formada em 1992, na Escola de Administração do Exército, sediada em Salvador-Bahia;

- a instituição do extraordinário nome de Maria Quitéria de Jesus para Patrono do Quadro Complementar de Oficiais (QCO), magna honorificência castrense, láurea assaz restrita que alçou a “Heroína da In-

dependência” à galeria dos memoráveis patronos das Armas, Quadros e Serviços do Exército Brasileiro; e mais: tal instituição foi também uma homenagem extensiva à mulher brasileira, que, desde sempre, deu sobejas provas do mais lídimo sentimento de amor à pátria, na Insurreição Pernambucana (com Clara Camarão e as mulheres de Tejucupapo), durante a Guerra do Paraguai (com o estoicismo de Rosa da Fonseca e Ana Neri), com as enfermeiras da FEB e destas às atuais integrantes do QCO, do Quadro de Saúde e dos Colégios Militares, hoje perfeitamente congregadas à Força Terrestre Brasileira.

Acrescente-se, ainda, que o Decreto Presidencial, de 28 de junho de 1996, foi propositadamente publicado no DOU, de 1º de julho do ano fluente, no dia anterior ao da maior e mais tradicional festa baiana, o “Dois de Julho”, para que se desse o máximo de destaque ao importante marco histórico em que os baianos comemoram a “Independência da Bahia”, porquanto, naquela data, em 1823, o “Exército Libertador”, do qual Maria Quitéria fazia parte, entrou vitoriosamente

em Salvador, abandonada, de véspera, pelos portugueses derrotados.

### Caxias e Maria Quitéria

Em janeiro de 1823, D. Pedro criou o “Batalhão do Imperador”. Esse batalhão constituiu-se na tropa de elite do Exército Nacional que se formava: eram mais de setecentos homens, escolhidos pessoalmente por Dom Pedro, entre os militares das diversas unidades da Corte. O comando coube ao Coronel José Joaquim de Lima e Silva, tio do ajudante e porta-bandeira da Organização, o Tenente Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias. O Tenente Luís recebera o novo pavilhão do Império a ser conduzido pelo batalhão, das mãos de D. Pedro, em tocante solenidade ocorrida na Capela Imperial.

O recém-formado “Batalhão do Imperador” logo



*Maria Quitéria de Jesus.*

embarcou para terras baianas, onde participaria das lutas pela liberdade do Brasil, nas quais se distinguiu, pela bravura e destemor, o jovem Tenente Luís Alves, ficando célebre a tomada de uma casa-forte onde o inimigo se entrincheirara, tendo o futuro Patrono do Exército, no comando de uma companhia, se lançado ao assalto da posição, conquistando-a, não sem antes progredir sob nutrido fogo.

No mesmo cenário, Maria Quitéria se consagrava, atingindo os píncaros da glória, ao arrostar os perigos

da luta, com inexecedíveis patriotismo e coragem.

Em 2 de julho de 1823, entram triunfantes na capital baiana, o “Batalhão do Imperador”, com a Bandeira do Império conduzida pelas mãos firmes do Tenente Alves de Lima e Silva e o “Batalhão de Voluntários do Príncipe D. Pedro” (ou “de Periquitos”), onde aclamadaíssima pela população, desfila garbosa, com um saio *highlander* escocês sobre o uniforme, Maria Quitéria de Jesus ...

O General Jonas Correia Neto, que pesquisou o assunto, não encontrou registros a respeito de um possível encontro entre o futuro Duque e Maria Quitéria durante a guerra, mas, por certo, como afirma aquele historiador militar, o Tenente Luís Alves soube dos notáveis feitos marciais da já famosa heroína baiana.

Quis o destino entretanto que, em 1953 - ano do sesquicentenário de nascimento de Caxias (25 Ago 1803) e do centenário da morte de Maria Quitéria (21 Ago 1853), as festividades dos dois eventos fossem simultâneas e comemoradas na “Semana do Soldado”. Assim, animicamente, foram unidas as existências

modelares de Caxias e Maria Quitéria, que estiveram no mesmo campo de honra, no velho e bendito solo baiano, que, como nenhum outro, abriga as testemunhas sagradas da história brasileira: os seus vários fortes, as suas inúmeras igrejas, as pristinas tradições, enfim.

E em 1996, não custa repetir, o Exército Brasileiro recuperou-a de um semi-anonimato, não condizente com os tantos e tamanhos serviços por ela prestados à pátria, o célebre nome de Maria Quitéria de Jesus, elevando-a ao panteão da glória da Força Terrestre, por instituí-la Patrono do Quadro Complementar de Oficiais.

#### **A ESCOLHA DO PATRONO E AS REPERCUSSÕES DO FATO**

##### **Processo de escolha**

O QCO, criado em 2 de outubro de 1989, não possuía Patrono. A Secretaria-Geral do Exército fez publicar, então, no *Noticiário do Exército*, de 2 de Outubro de 1994, uma nota em que solicitava a indicação de um Patrono para o novel Quadro da Força, cujas propostas deveriam ser encami-

nhadas ao Centro de Comunicação Social do Exército (C Doc Ex).

O Centro de Documentação do Exército, depois que as propostas foram apresentadas, foi incumbido de elaborar um estudo para a escolha, entre os indicados, do personagem mais representativo. Das várias sugestões feitas, sobrelevou o invulgar nome de Maria Quitéria de Jesus, tendo a Chefia do C Doc Ex se louvado, basicamente, numa alentada e competente exposição de motivos encaminhada pelas 1º Tenentes QCO Adriana Périco e Regina Benini Moézia de Lima, ambas da “Turma Maria Quitéria”, 1992, a primeira a receber o segmento feminino do Exército.

O nome de Maria Quitéria de Jesus foi escolhido pela Secretaria-Geral do Exército, após a Diretoria de Assuntos Culturais ter se manifestado favorável à prioridade estabelecida pelo C Doc Ex, e, posteriormente, aprovado pelo Sr Ministro, resultando na edição de um Decreto Presidencial, assinado em 28 de junho e publicado no DOU, de 1º de julho de 1996.

Diga-se, também, em complemento e para caracte-

rizar a participação dos integrantes do QCO no culto às tradições militares, que a letra da Canção do Quadro, aprovada pela Port. nº 14-SGEx, de 30 de novembro de 1995, é de autoria da 1º Tenente QCO Alyne Alves Trindade, igualmente da “Turma Maria Quitéria” com melodia do 1º Tenente Músico Jacy Ferreira, do Batalhão da Guarda Presidencial.

### As repercussões da escolha

A escolha de Maria Quitéria para o rol de insígnias patronos da Instituição repercutiu de forma a mais favorável, para os públicos interno e externo da Força.

Além da projeção positiva da imagem da Corporação, que soube valorizar a mulher brasileira, na lembrança da maior heroína da nação, este fato ainda adquiriu proeminente dimensão histórica.

Eis que o Exército Brasileiro elevou uma mulher, a primeira a assentar praça numa unidade militar em nosso País, às culminâncias de seus mais ínclitos soldados.

Entretanto, foi no Estado da Bahia, terra de nascimento de Maria Quitéria,

que a alvissareira notícia ganhou amplas proporções, junto aos poderes estadual, municipal e a imprensa, como nos deu conta o Comandante da 6ª Região Militar, General-de-Divisão Cândido Vargas de Freire. A publicação no Diário Oficial da União, do Decreto Presidencial instituindo Maria Quitéria, Patrono do QCO, no dia 1º de julho, véspera da grande festa da “Independência da Bahia”, ensejou o pronunciamento, por parte de gradas autoridades, de referências altamente encomiásticas ao Exército. Assim, a Prefeita de Salvador, Lídice da Mata e a Presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Dra. Consuelo Pondé, referiram-se muito especial e enaltecendoramente ao Exército Brasileiro, antes do início do desfile comemorativo da maior festa baiana. A Prefeita, em um trecho de seu discurso, declarou que *“o Exército é um dos precursores da busca da projeção a nível nacional do ‘Dois de Julho’, através do reconhecimento oficial de uma das figuras mais representativas da história baiana, bem como do reconhecimento do papel da mulher na sociedade brasileira”*.

## DUAS DÚVIDAS SURGIDAS

### O nome da Patrono

Quanto ao nome de Maria Quitéria existem duas preferências: a dos que só admitem a grafia “Maria Quitéria de Jesus” e a dos que acrescentam, a esse nome, o sobrenome Medeiros, no louvável intuito de tornar o personagem mais popular, a fim de melhor engrandecê-lo, na lembrança do “soldado Medeiros” da luta da Independência.

Verifica-se, pois, a existência de dois entendimentos para o problema: aquele dos documentos, das biografias e dos pesquisadores de tomo da história-pátria, e o nunca desprezível, porém acessório, da historiografia vulgar (no sentido de mais generalizada) que às vezes, se conflita com a de maior precisão e de mais mérito científico.

Oficialmente, o nome original, de batismo, Maria Quitéria de Jesus, nunca foi modificado. Quando galar-dada por Dom Pedro, constou nos respectivos decretos, o nome recebido na pia batismal. Outra irrefutável prova documental, de suma importância, dado o seu valor histórico e que comprova o que de foi

antes expandido, é a certidão de óbito de Maria Quitéria, trazida a lume pelo historiador Pereira Reis Júnior.

Diga-se mais, que vários historiadores, corifeus de nossa historiografia, não aderiram ao vazo (repita-se, salutar, para a maior projeção de tão notável vulto nacional) do acréscimo de "Medeiros" ao nome de Maria Quitéria de Jesus, tais como: Veiga Cabral, Barão de Loreto, Jonas Correia Neto, Álvaro Reis e o mais gigante entre eles, Pedro Calmon, inesquecível Presidente do IHGB, também baiano como Maria Quitéria e um de seus maiores apologistas.

O Exército Brasileiro preservou o rigorismo ortodoxo e, oficialmente, não cedeu ao modismo de acoplar "Medeiros" ao nome de Maria Quitéria, como se pode constatar no texto do importante Aviso 408 / 53, do ano do centenário de falecimento da heroína e quando da publicação da *História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo*, em 1972.

Em conseqüência, o nome correto da Patrono do QCO é o que consta do Decreto Presidencial que o instituiu. Tal certeza exsurge com espreque em vetusta

e fidedigna documentação pública, timbrada de oficial, em verazes dados biográficos e opiniões de eminentes historiadores, tudo muito bem entendido, de há muito, pela Força.

Todavia, afigura-se-nos mui merecido, para a perpetuação da memória do "soldado Medeiros"- que notabilizou Maria Quitéria - o uso afetivo, sentimental, deste sobrenome, ajuntado ao verdadeiro nome de nossa "mulher-soldado", como também consideraram, e consideram, tantos historiadores e publicistas. Porém, que tal procedimento se verifique somente em documentos de secundária importância, tais como artigos, apologias, gravuras, cartazes promocionais etc.

#### **Patrono ou Patrona?**

Nossos principais léxicos distinguem bem os dois vocábulos: patrona é cartucheira e também padroeira, protetora (no sentido religioso); patrono é protetor, defensor. Assim, as duas palavras apresentam denotações semelhantes sob o aspecto de religiosidade, mas apenas "patrono" possui a semântica castrense, pois também significa "defensor".

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª Edição, de 1975, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, dirime de vez a dúvida, prelecionando, tão somente no verbete "patrono", o seguinte: "*s. m. , bras. , chefe militar ou personalidade civil escolhida como figura tutelar de uma força armada, de uma arma, de uma unidade, etc., cujo nome mantém vivas tradições militares e o culto cívico dos heróis: Caxias é o patrono do Exército, Tamandaré é o patrono da Marinha e Santos Dumont é o patrono da Aeronáutica.*"

Assim, tal e qual a impessoalidade dos postos e graduações hierárquicas, quando dizemos a "Capitão Fulana", podemos afirmar que Maria Quitéria de Jesus é a Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército.

#### **CONCLUSÃO**

Justa e merecidamente, o Exército Brasileiro foi resgatar das páginas de nossa rica e bela história militar, o legendário nome de Maria Quitéria de Jesus, florão de uma raça, patriota humilde que em momento de transe da nacionalidade,

despojou-se de tudo o que lhe era precioso para lutar pelo Brasil.


Ela, que possuída de acrisolado patriotismo, quando tentava convencer o pai a lhe dar permissão para o alistamento militar, lhe dissera: *“é verdade pai, que não tens um filho homem, mas lembrai-vos de que as baianas do Recôncavo manejam tão bem as armas de fogo e o exercício da caça não é mais nobre do que a causa da Pátria. Deixa-me, pai, deixai-me ir disfarçada empunhar as armas em tão justa guerra”*.

Feliz, portanto, o Brasil, que sempre contou com homens e mulheres resolutos e de acendrado sentimento de amor à terra natal, e que, ao

brado de “pátria em perigo”, souberam como ninguém, nos Guararapes, em Pirajá, em Tuiuti e Itororó, em Montese e Monte Castelo, arriscar e sacrificar a própria vida em defesa da honra da nação.

Hoje, quando a cobiça internacional se volta para o nosso país, lembremo-nos dos paradigmáticos exemplos dos Patriarcas da Força Terrestre nos montes Guararapes e dos Patronos da Instituição – eterna e invencível, Maria Quitéria entre eles...

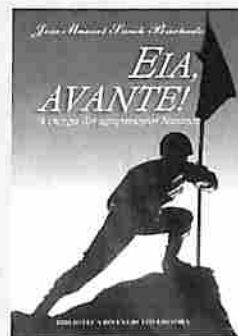
Lembremo-nos, ainda, de que o “Exército é a mais lidíma e representativa das instituições nacionais, o verdadeiro índice do povo brasileiro”, segundo magistral conceito do consagrado e saudoso sociólogo Gilberto Freire.

E, por derradeiro, em uma imersão na saudade do glorioso pretérito do Exército de Caxias, na ufanía de que Maria Quitéria de Jesus é, hoje, um dos Patronos da Força, lembremo-nos de que quando um povo entra a esquecer, nos prazeres fugacíssimos da vida, dos vultos mais salientes, dos feitos marcantes de sua Gesta, daqueles que mais se sublimaram pelo saber, pela santidade, pelo heroísmo ou pelo martírio, ninguém deve maravilhar-se de vê-lo, um dia, desagregado, desvirilizado, desacreditado, e ainda por maior desdita, escravizado pelos outros povos. É a lição triste da História – “a mestra da vida”, “a mestra das mestras”... 

## Eia, Avante!

*João Manoel Simch Brochado*

O autor conta fatos diversos de seus quarenta anos de vida militar e comenta fatos políticos de que participou ou, sobre os quais leu, e utiliza esse material para comprometer o leitor com idéias, conceitos, discussões e polémicas. Narra e comenta variados episódios e temas da história, da política, da literatura para provar seus pontos. A obra é resultado de pesquisa, análise e laborioso trabalho intelectual realizado por alguém que exerceu com competência a profissão militar e que pretende transmitir sua experiência, seu estímulo e sua fé às novas gerações.



**Obra avulsa**

**SEJA VOCÊ TAMBÉM  
NOSSO ASSINANTE!**

Ligue grátis: 0800-238365